

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA – UNIFOR-MG
CURSO DE PEDAGOGIA
REGINA APARECIDA DA SILVA

A DISLEXIA E SUAS SINGULARIDADES: VENCENDO OBSTÁCULOS

FORMIGA – MG

2017

REGINA APARECIDA DA SILVA

A DISLEXIA E SUAS SINGULARIDADES: VENCENDO OBSTÁCULOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia do UNIFOR-MG, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Celma Alves Fonseca Vilela

FORMIGA – MG

2017

S586 Silva, Regina Aparecida da.

A dislexia e suas singularidades: vencendo obstáculos / Regina Aparecida da Silva. – 2017.

40 f.

Orientadora: Celma Alves Fonseca Vilela.

Regina Aparecida da Silva

A DISLEXIA E SUAS SINGULARIDADES: VENCENDO OBSTÁCULOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia do UNIFOR-MG, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Celma Alves Fonseca Vilela
Orientadora

Prof.^a Ma. Neiva Maria Rodrigues
UNIFOR-MG

Prof.^a Ma. Laila Zorkot
UNIFOR-MG

Formiga, 09 de novembro de 2017.

“A missão do professor não é dar respostas prontas.

A missão do professor é provocar a inteligência,
é provocar o espanto, a curiosidade.”

(Rubem Alves)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e sabedoria dadas para vencer meus limites e realizar mais um sonho.

Ao meu esposo, Marco Antônio, por fazer de meus sonhos os seus sonhos e não medir esforços para me ajudar a realizá-los.

Ao meu filho, Miguel, por me ensinar que sou mais forte do que pensava e me permitir viver um amor sem limites.

À minha mãe, Maria Aparecida, pelo apoio e incentivo dedicados durante toda a minha vida.

Aos meus amigos, Aline e Everaldo, pela amizade e empenho em ajudar-me.

À minha orientadora, Prof.^a Celma, pela dedicação e ensinamentos transmitidos.

RESUMO

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem que atinge, especificamente, o desenvolvimento da leitura e da escrita. Atualmente, alcança um percentual em torno de 15% dos estudantes, gerando déficits de aprendizagem significativos, merecendo, portanto, muita atenção, tanto por parte dos pais quanto dos educadores. Nesse contexto, este estudo apresenta como tema a dislexia e objetiva verificar se uma criança com dislexia consegue aprender a ler e a escrever, estando matriculada em uma escola regular. Utiliza como metodologia a revisão bibliográfica, apoiada, principalmente, nas ideias de autores como Ianhez e Nico (2002), Santos (1987), Frank, Livingston e Kassener (2003), Muszkat e Rizzutti (2012), Shaywitz (2006), dentre outros. O trabalho procura pontuar quais são os métodos de ensino adequados que o professor deve usar para alfabetizar uma criança com dislexia. Por meio desta pesquisa, torna-se notório que a dislexia é um tema pouco divulgado no cenário educacional e também social – porém, muito real nas instituições escolares – e complexo, que dificulta a aprendizagem da leitura, da escrita e ainda prejudica o desenvolvimento escolar, emocional e social da criança.

Palavras-chave: Dislexia. Distúrbio de aprendizagem. Escola regular.

ABSTRACT

Dyslexia is a learning disorder that specifically affects the development of reading and writing. Currently, it reaches a percentage of 15% of students, generating significant learning deficits, so it deserves a lot of attention both from parents and educators. In this context, this study presents dyslexia as its theme and aims to verify if a dyslexic child can learn to read and write while enrolled in a regular school. It uses as a methodology the bibliographic review, supported by the ideas of authors such as Ianhez and Nico, Santos, Frank, Muszkat and Rizzutti, Shaywitz, among others. The paper seeks to point out which are the best teaching methods that the teacher should use to literate a child with dyslexia. Through this research, it becomes clear that dyslexia is a subject that is not widely disseminated in the educational context, but it is very real in school and complex institutions, which can hamper the learning of reading and writing and also impair the school's emotional, social development. Child.

Keywords: Dyslexia. Learning Disorder. Regular school.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABD – Associação Brasileira de Dislexia

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DISLEXIA: CONCEITO E DIAGNÓSTICO	13
3 DISLEXIA: OS PROBLEMAS EMOCIONAIS E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA SUPERÁ-LOS.....	21
4 ADEQUABILIDADE DE METODOLOGIAS PARA O TRATAMENTO DA DISLEXIA	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A educação deve ser vista como meio de desenvolvimento tanto pessoal quanto cultural e social e deve ser oferecida, de forma igualitária, para todos. Porém, o que mais se percebe – divulgado pelas mídias e em relatos de pais e professores – é que algumas crianças com inteligência considerada “normal” não conseguem acompanhar o que é desenvolvido em sala de aula, pois possuem alguns tipos de distúrbio de aprendizagem. Entre esses tipos de distúrbios, pode-se citar a dislexia, distúrbio específico de aprendizagem que gera dificuldades na consolidação da leitura e da escrita. Uma vez que o aluno apresente esse tipo de distúrbio e não obtenha, por parte do professor, o atendimento necessário para desenvolver-se, pode sofrer traumas e preconceitos que interferirão por toda a sua vida.

Diante disso, faz-se necessário estudar sobre a dislexia, pois se trata de um tema complexo e que, embora seja presença constante nas salas de aula, é pouco diagnosticado pelos educadores e também pouco conhecido pela população em geral.

Reconhecida como um dos maiores obstrutores da aprendizagem da leitura e da escrita, a dislexia, se diagnosticada logo no início do processo de alfabetização, pode ser trabalhada, podendo o aluno alcançar um nível de desempenho considerável, sem que tenha que passar por situações constrangedoras.

Dessa forma, o estudo sobre esse tema tem como objetivo verificar se uma criança com dislexia consegue aprender a ler e a escrever, estando matriculada em uma escola regular.

Para abordar tais quesitos, utilizou-se como metodologia de trabalho a pesquisa bibliográfica, realizada por meio de análises teóricas sobre o tema. Destacam-se as ideias de autores como Ianhez e Nico (2002), Santos (1987), Shaywitz (2006), Muszkat e Rizzutti (2012), Snowling et al. (2004), dentre outros.

Esta pesquisa divide-se em três capítulos principais – que se completam: o primeiro conceitua dislexia e traça um breve percurso histórico, situando o seu seguimento. O segundo discorre sobre os problemas emocionais que uma criança com dislexia pode vir a desenvolver, bem como a importância da família para ajudar a superá-los. Sendo que o terceiro apresenta algumas características que o professor deve possuir para trabalhar junto à criança com dislexia e algumas metodologias de ensino mais adequadas para alfabetizá-la.

Por fim, as considerações finais elencam algumas compreensões reunidas no decorrer da pesquisa, que contribuirão para uma prática docente mais consciente e mais eficaz, fundamentada no respeito às diversidades.

2 DISLEXIA: CONCEITO E DIAGNÓSTICO

Há crianças que possuem grande dificuldade para aprender a ler e a escrever e não conseguem apresentar o mesmo desenvolvimento que os colegas em sala de aula. Muitas vezes, são denominadas pelos professores de lerdas e preguiçosas, chegando, em alguns casos, a receberem o diagnóstico de distúrbio de dislexia. Mas o que significa dislexia?

Para Filho, Filho e Filho (1972, p. 398), dislexia é a “Dificuldade em ler e compreender a escrita”.

Já Ferreira (1988, p. 225), define a palavra “dislexia” como uma “Incapacidade relacionada a uma lesão cerebral, para ler compreensivelmente”.

Tanto a definição de Filho, Filho e Filho (1972) quanto a de Ferreira (1988) possuem o mesmo sentido. Tratam a dislexia como uma dificuldade de ler e compreender o que foi lido, embora o último conceito ainda classifique-a como uma incapacidade relacionada a uma lesão cerebral.

No comitê da International Dislexia, ocorrido em abril de 1994, a dislexia foi considerada um distúrbio de aprendizagem (não um tipo de lesão cerebral), definindo, com isso, um novo conceito.

Segundo Ianhez e Nico (2002), dislexia é a união de duas palavras de origem latina e grega. *Dis* (do latim) significa distúrbio, dificuldade; *lexia* (do grego) significa leitura, linguagem. Portanto, distúrbio de linguagem.

Ainda conforme Ianhez e Nico (2002, p. 23), “A dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples”.

Destaca-se que esse conceito é reconhecido e utilizado no Brasil pela Associação Brasileira de Dislexia – ABD, organização não governamental, sem fins lucrativos, criada em 1983, com o objetivo de apoiar as pessoas que possuem esse distúrbio e também suas famílias.

Ianhez e Nico (2002) ainda complementam, afirmando que a dislexia:

Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Essas dificuldades na decodificação de palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar de instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e ausência de distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo da aquisição da linguagem com frequência (sic), incluídos aí os problemas de leitura, aquisição e capacidade de escrever e soletrar. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 23).

Segundo os estudos de Santos (1987), os franceses denominam a dislexia como dislexia específica de evolução:

[...] denominação que se presta bem para delimitar o quadro clínico da síndrome. Diz-se de evolução porque os sintomas tendem, com o tempo, a desaparecer espontaneamente, e específica para circunscrever bem a questão, que se refere apenas ao campo em que entram a leitura e escrita [...]. (SANTOS, 1987, p. 3).

Existe semelhança entre o conceito atribuído à dislexia específica pelos franceses e o conceito de dislexia usado pela ABD: ambos abordam o fato de este ser um distúrbio de linguagem causador de falha na aprendizagem da leitura e escrita, mesmo que a criança com dislexia tenha acesso à instrução convencional e não apresente nenhum problema cognitivo.

Embora tenha sido assunto de pesquisa de vários estudiosos, a dislexia não tem sua causa comprovada, há apenas algumas teorias a respeito. Até recentemente, acreditava-se que a dislexia estava relacionada a defeitos do sistema visual que causavam inversões de letras e palavras. Mas, segundo Shaywitz (2006, p. 43), pesquisas esclarecem que “crianças com dislexia não estão automaticamente inclinadas a ver as letras de trás para frente, mas que o déficit responsável pelo distúrbio está no sistema lingüístico (sic)”.

Depois de comprovado que a dislexia não é causada por problemas no sistema visual, sugerem-se duas possíveis causas para ela.

A esse respeito, afirmam Ianhez e Nico (2002):

[...] Os avanços das pesquisas na análise das atividades cerebrais tornam evidentes que, no caso da dislexia, há diferenças mínimas no padrão de organização das células nervosas do cérebro. Também há hipóteses quanto a alterações genéticas, nos cromossomos 2, 6, e 15. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 77).

Embora essas possam ser as causas da dislexia, destaca-se que a pessoa com dislexia apresenta dificuldades somente no campo da leitura e da escrita. Em outros

setores da vida escolar, desenvolve-se sem maiores dificuldades. Conforme Ianhez e Nico (2002, p. 23): “[...] As dificuldades que os disléxicos nesse campo apresentam contrastam, neles, com a inexistência de dificuldades em outros setores da vida escolar ou da vida em geral, consistindo num “defeito intelectual eletivo”.

Os casos de dislexia tornam-se visíveis quando a criança ingressa na escola. Sendo assim, é necessária muita atenção dos pais e educadores, pois, como em qualquer outro distúrbio, o diagnóstico precoce e correto é muito importante para que o tratamento seja iniciado o quanto antes.

Santos (1987) destaca qual é o quadro ideal para suspeitar de um caso de dislexia:

O ideal quanto o diagnóstico seria, por todos os motivos que já conhecidos, estar-se frente a um indivíduo de primeira série¹, trazido com queixa de que, apesar de sadio, não apresentando defeitos sensoriais e frequentando (sic) a escola regularmente há tempo suficiente e sem muitas mudanças ou faltas de professor, não aprende nada de leitura e escrita ou progride mal nessas matérias, cometendo erros estranhos, ao passo que vai bem nas demais, especialmente em matemática. (SANTOS, 1987, p. 37).

Além disso, existem alguns sintomas e dificuldades apresentados, de maneira isolada ou em conjunto, que podem fazer surgir a suspeita de um caso de dislexia. Estes podem apresentar mudanças de caso para caso.

De acordo com Ianhez e Nico (2002), os sintomas mais comuns apresentados por uma criança com dislexia são:

Desempenho inconstante; Demora na aquisição da leitura e da escrita; Lentidão nas tarefas de leitura e escrita, mas não nas orais; Dificuldade com os sons das palavras e, conseqüentemente (sic), com a soletração; Escrita incorreta, com trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas; Dificuldade em associar o som o símbolo; Dificuldade com a rima (sons iguais no final das palavras); Discrepância entre as realizações acadêmicas, as habilidades lingüísticas (sic) e o potencial cognitivo; Dificuldade em associações, como por exemplo, associar os rótulos aos seus produtos; Dificuldade para organização sequencial (sic), por exemplo, as letras do alfabeto, os meses do ano, tabuada etc; Dificuldade em nomear objetos, tarefas etc; Dificuldade em organizar-se com o tempo (hora), no espaço (antes e depois) e direção (direita e esquerda); Dificuldade em memorizar números de telefone, mensagens, fazer anotações, ou efetuar alguma tarefa que sobrecarregue a memória imediata; Dificuldade em organizar suas tarefas; Dificuldade com cálculos mentais; Desconforto ao tomar notas e/ou relutância para escrever; Persistência no mesmo erro, embora conte com ajuda profissional. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 26-27).

¹ Primeira série, nomenclatura utilizada em 1987. Atualmente, a nomenclatura utilizada é primeiro ano do ensino fundamental.

Mediante a percepção de alguns desses sintomas, os pais e/ou educadores devem realizar o encaminhamento da criança para um profissional especializado. Devido ao fato de esse distúrbio gerar várias dificuldades e sintomas, e nenhuma característica física aparente, o diagnóstico é obtido por meio da realização de vários testes, aplicados por profissionais de diferentes áreas.

Ianhez e Nico (2002) assim identificam essas diferentes áreas:

O diagnóstico da dislexia é de exclusão e deve ser feito por uma equipe multidisciplinar, formada por psicólogo, fonoaudiólogo e psicopedagogo. Quando necessário é feito o encaminhamento ao neurologista e/ou a outros profissionais, como oftalmologista, geneticista, otorrinolaringologista, pediatra etc., para se determinar se existem ou não fatores que possam estar comprometendo o processo de aprendizagem, ou mesmo coexistindo com a dislexia. Todos os profissionais envolvidos devem trocar informações para confirmar o distúrbio. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 29).

Essa equipe de profissionais, encarregada de diagnosticar a dislexia, aplica alguns testes, no que se refere à leitura, para diagnosticar a existência ou não do distúrbio.

Muszkat e Rizzutti (2012) elencam alguns desses testes:

Avaliação da escrita alfabética, tipos de erros na escrita e eficiência da leitura; identificação da rota preferencial que a criança utiliza para leitura; discrepância entre o mal desempenho na leitura quando comparado com o seu desempenho cognitivo. (MUSZKAT; RIZZUTTI, 2012, p. 53).

Ressalta-se que a avaliação para o diagnóstico de dislexia não se limita somente ao uso de testes, mas pode envolver muitos outros aspectos. Assim, são analisados, também, histórico familiar, canhotismo, retardo ou dificuldades na fala. Porém, em relação ao canhotismo, é necessário esclarecer que nem todo canhoto possui dislexia. O que, de fato, acontece é que, nas pessoas com dislexia, a dominância do cérebro está localizada no lado direito e, como consequência, é o lado esquerdo do corpo que responde.

Nesse contexto, Ianhez e Nico (2002) afirmam:

É verdade que muitos disléxicos são canhotos ou ambidestros. Mas cuidado para não inverter essa afirmação, acabando por julgar todo canhoto disléxico. Na grande maioria dos indivíduos não-disléxicos, o hemisfério esquerdo é predominante; como este lado do cérebro reage o lado direito do corpo, essas pessoas utilizam, predominantemente, a mão direita. Quanto aos disléxicos, há diferenças funcionais no cérebro, indicando que a dominância está do lado direito do hemisfério, o qual reage o lado esquerdo do corpo, tendo como consequência (sic) o uso preferencial da mão esquerda. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 69-70).

Outra curiosidade sobre a dislexia é que, embora haja meninas com dislexia, esse distúrbio é predominante em crianças do sexo masculino, como afirma Shaywitz (2006, p. 37): “[...] a prevalência da incapacidade de leitura é três ou quatro vezes mais comum nos garotos do que nas garotas”.

Esse fato pode ser esclarecido por várias teorias, porém, existem duas mais usadas.

Ianhez e Nico (2002) explicam tais teorias:

Uma, por exemplo, é a possibilidade de mais meninos são identificados por seus professores, porque tendem a ser mais dispersos em sala de aula. A teoria mais recente é a do dr. Galaburda, que levanta a possibilidade de esse fator estar ligado à produção excessiva de testosterona na fase da gestação. Estaria aí a explicação para maior incidência em meninos. O dr. Galaburda ainda considera o fator de o cérebro masculino ter seu desenvolvimento mais lento na fase intra-uterina (sic), estando assim mais expostos às agressões auto-imunes (sic) das mães. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 68).

Considera-se que a criança é a principal interessada em saber a causa que torna sua aprendizagem mais difícil que a dos colegas, por isso, deve-se incluí-la na entrevista que os profissionais encarregados do diagnóstico realizam com os pais para esclarecimentos sobre esse diagnóstico.

Santos (1987) assim expõe esse fato:

Deve-se incluir a própria criança na entrevista em que se dão, aos pais, explicações sobre o diagnóstico feito, sobre a natureza da dislexia, seu tratamento e prognóstico. Isso, por respeito a ela, numa questão que, primeiramente, interessa a ela. Fazê-lo poderá, ademais, proporcionar-lhe condições de se decidir pela melhor das opções. (SANTOS, 1987, p. 44).

Como visto, a dislexia pode ser diagnosticada por vários tipos de profissionais (psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo, etc.), porém, nenhum deles irá curá-la, pois não existem remédios que possam ser usados para combater esse distúrbio. O que podem e devem ser feitas são intervenções pedagógicas, no sentido de minimizar as dificuldades apresentadas por essa criança.

Diante desse fato, Ianhez e Nico (2002) afirmam:

Não se fala em “cura” quanto à dislexia. Mas muito pode ser feito. Com o apoio e o ensino adequados, muitas das dificuldades podem ser contornadas, e outras se tornarem menores, embora não desapareçam totalmente. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 58).

Depois de esclarecido o que é a dislexia e como ela se manifesta, vale destacar que os primeiros estudos sobre esse distúrbio ocorreram no final do século XIX.

De acordo com Snowling et al. (2004, p. 11), o termo “dislexia” foi usado, pela primeira vez, em 1896, em um trabalho realizado por Pringle-Morgan: “O relato de Pringle-Morgan dizia respeito a um inteligente adolescente que não havia conseguido aprender a ler, e Pringle-Morgan especulou que o menino sofria de “cegueira vocabular” congênita”.

Com o passar dos anos, percebe-se que as causas da dislexia seriam de origem visual. Segundo Snowling et al. (2004), essa teoria ganha maior ênfase em 1917, quando o oftalmologista Hinshelwood conclui seus estudos sobre o assunto, com a publicação de uma monografia intitulada “Cegueira verbal congênita”.

Nesse sentido, Ianhez e Nico (2002) completam:

Em 1917, James Hinshelwood citou a dislexia mais uma vez, quando da publicação de sua monografia “Cegueira verbal congênita”. Pesquisando adultos afásicos (pessoas com problemas de leitura e escrita, advindos de lesões cerebrais), Hinshelwood encontrou distúrbios infantis com sintomas parecidos. Baseado nessas semelhanças, sugeriu que esses problemas seriam orgânicos e, possivelmente, hereditários. Outro dado que constatou, o qual também sustentamos até hoje, é que havia mais meninos que meninas com esse distúrbio. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 35-36).

Após esses primeiros estudos, vários pesquisadores interessam-se pelo assunto, porém, alguns anos são necessários para que este seja abordado novamente.

Ianhez e Nico (2002) afirmam que, em 1925, o psiquiatra, neuroanatomista e neuropatologista Dr. Samuel T. Orton desperta grande interesse por esse assunto e realiza diversas pesquisas em cérebros humanos, levantando algumas hipóteses para as causas da dislexia.

O resultado de suas pesquisas é divulgado, alguns anos depois, com a publicação do livro intitulado “Reading, writing and speech problems in children”.

Snowling et al. (2004) assim explanam sobre a obra do Dr. Orton:

[...] a importância dos fatores da linguagem na determinação da dislexia tornaram-se reconhecidos, com a publicação do influente livro de Samuel Orton, *Reading, Writing and Speech Problems in Children* (1937) [...]. O termo que ele utilizou para o que hoje conhecemos como dislexia foi *stressimbolia* - literalmente, uma distorção de símbolos. E o importante é que ele reconheceu que a *stressimbolia* tinha tendência a ocorrer em famílias e estar associada a outras formas de deficiências de linguagem. (SNOWLING et al., 2004, p. 11).

Com o passar do tempo e o avanço dos estudos, a dislexia recebe diferentes classificações, de diferentes autores.

Nesse sentido, Ianhez e Nico (2002) afirmam que Bannantyne, em 1966, classificou a dislexia de duas formas:

Dislexia genética – dificuldades em discriminação auditiva, seqüenciação (sic) auditiva e associação fonema-grafema; dislexia por difusão cerebral mínima – dificuldades visuoespaciais, cinestésico-motoras, táteis e de conceitos. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 37).

Ainda segundo Ianhez e Nico (2002), quatro anos depois, em 1970, Ingram propôs outra classificação para esse distúrbio, ao relacioná-lo com outras dificuldades. Tal classificação divide-se em “dificuldades específicas de aprendizagem e dificuldades gerais de aprendizagem”.

Ianhez e Nico (2002) assim explicam essas dificuldades:

Dificuldades específicas de aprendizagem - cuja dificuldade estava limitada à leitura e à escrita; Dificuldades gerais de aprendizagem – descrevendo outras dificuldades como matemática (discalculia), educação física, coordenação motora fina (disgrafia), e no aprendizado de outro idioma. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 38).

Ianhez e Nico (2002) afirmam, ainda, que Elena Boder e Myklebust também realizam, em 1971, estudos sobre a dislexia e a classificam de várias formas: “dislexia disfônica, dislexia deseidética, dislexia visual, dislexia auditiva e dislexia mista”.

De acordo com Ianhez e Nico (2002):

Dislexia disfonética – dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas, dificuldades temporais, e nas percepções da sucessão e da duração; Dislexia diseidética – dificuldade na percepção visual, na percepção gestáltica, na análise e síntese de fonemas; Dislexia visual – deficiência na percepção visual; na coordenação visuomotora (não visualiza cognitivamente o fonema); Dislexia auditiva – deficiência na percepção auditiva, na memória auditiva (não audiabiliza cognitivamente o fonema); Dislexia mista- que seria a combinação de mais de um tipo de dislexia. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 38-40).

Segundo estudos de Muszkat e Rizzutti (2012), a dislexia ainda pode ser classificada como dislexia primária e dislexia adquirida:

Alguns autores utilizam, também, uma terminologia em relação à etiologia, considerando dislexia primária os casos em que não são detectadas anormalidades nos exames de neuroimagem, e os casos de dislexia adquirida que é considerada um transtorno de leitura e escrita em indivíduos já alfabetizados, decorrente de algum dano neurológico posterior. (MUSZKAT; RIZZUTTI, 2012, p. 44).

Embora, etimologicamente, os autores apresentem essas duas classificações para a dislexia, o trabalho aborda apenas a dislexia primária.

Desse modo, nota-se que a dislexia é um distúrbio específico de aprendizagem que atinge várias crianças e provoca grande dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita.

3 DISLEXIA: OS PROBLEMAS EMOCIONAIS E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA SUPERÁ-LOS

O capítulo anterior define o que é dislexia, as formas de diagnóstico e ainda apresenta um breve percurso histórico, mostrando um pouco do trajeto percorrido, até que a dislexia fosse reconhecida como um distúrbio específico de aprendizagem. A partir de então, torna-se viável destacar alguns problemas sociais e emocionais que uma criança com dislexia pode vir a desenvolver, durante sua estadia na escola.

Quanto mais inteligente a criança com dislexia é, mais perceptível ao que acontece à sua volta ela também o é. Esse fato colabora para que ela se torne mais sensível aos problemas neuróticos que podem ser desenvolvidos, em razão da dislexia. Santos (1987, p. 24) assim afirma: “Cedo costuma o dislético desenvolver, em geral devido à dificuldade específica, reações neuróticas que tendem a ser tanto maiores quanto mais inteligente ele é [...]”.

Diante dessa sensibilidade, os erros diários, a percepção de que os colegas de sala aprendem com mais facilidade, a incompreensão dos professores, a cobrança dos pais e, na maioria dos casos, a demora em ser encaminhada a profissionais para avaliação e obtenção de diagnóstico podem desencadear problemas de ordem emocional na criança com dislexia.

Ilanhez e Nico (2002) pontuam alguns problemas emocionais que a criança com esse distúrbio pode vir a desenvolver.

A criança - como consequência (sic) de suas dificuldades e, em especial, se há demora no diagnóstico - pode apresentar um rebaixamento na auto-estima (sic), ansiedade, sentimentos de insegurança, medo de se expor e até uma aversão ao processo de ensino aprendizagem e à escola. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 65-66).

Sendo assim, a criança com dislexia também pode sentir inveja de outras crianças, já que demora bem mais para terminar seus exercícios e atividades escolares. Esse sentimento é aflorado por ela não entender o porquê de ser diferente das outras.

Nesse sentido, Frank, Livingston e Kassner (2003) afirmam que a criança com dislexia vai se perguntar qual é o motivo que a faz demorar mais tempo para terminar suas atividades escolares, enquanto os colegas podem se divertir.

Dessa forma, aprender com muita dificuldade o que os colegas de turma aprendem com facilidade e não apresentar uma letra com traços firmes e bonita pode levar a criança com dislexia a sentir-se diminuída perante as outras pessoas. O sentimento de inferioridade pode resultar, também, em revolta, como relata Santos (1987, p. 24): “[...] os disléxicos podem passar a se sentir inferiorizados ou injustiçados, podendo-se retrair ou revoltar”.

Vergonha é outro sentimento comum à criança com dislexia. Ela sente-se diferente e envergonha-se por isso, não gosta de mostrar suas dificuldades diante de algum colega mais descolado ou encontra alternativas para não ter que ler diante de alguém, pois sabe que pode não conseguir, como afirmam Frank, Livingston e Kassner (2003, p. 39): “A dislexia pode causar muita vergonha”.

Toda vergonha que a criança com dislexia sente por possuir um distúrbio específico de aprendizagem pode afetar, negativamente, desde o relacionamento dessa criança com a família até o convívio em sociedade. Segundo Santos (1987, p. 24): “Sempre em conseqüência (sic) da própria dislexia, podem os indivíduos por ela afetados situar-se à margem em relação à família e a sociedade e passar a apresentar distúrbios de conduta ou mesmo quadros de delinqüência (sic) [...]”.

A autora ainda afirma que a autoexclusão pode chegar também ao ambiente escolar, fazendo com que a criança com dislexia perca o interesse pelos estudos. Em casos mais graves, o aluno com esse distúrbio pode faltar às aulas ou até mesmo chegar a abandonar a escola.

Sobre a autoexclusão, Santos (1987) explicita que:

Falta de gosto pela escola e de interesse pelos estudos, recusa a executar tarefas e, mais tarde, falta às aulas sem conhecimento dos pais são acompanhantes freqüentes (sic) do quadro. São comuns a inibição e a falta de segurança ao exame de ditado ou de leitura. (SANTOS, 1987, p. 24).

O sentimento de solidão também faz parte da vida de algumas crianças com dislexia. Mesmo estando em uma sala de aula, cercada de colegas e com o professor por perto, essa criança pode sentir-se solitária.

Frank, Livingston e Kassner (2003) explanam sobre o sentimento de solidão da criança com dislexia:

É uma sensação de solidão estar em uma sala cheia de indivíduos trocando idéias (sic) e compartilhando experiências e não ser capaz de compreender prontamente sobre o que estão falando. A criança com dislexia sente que é a única no mundo que não “capta”. (FRANK; LIVINGSTON; KASSNER, 2003, p. 39).

Brigas na escola ou com os irmãos podem ser procedentes de uma criança que se sente diferente e que sente raiva por sentir-se assim. Embora essas brigas e confusões não sejam aceitáveis, é normal que a criança sinta raiva de possuir dislexia. Nesse contexto, afirmam Frank, Livingston e Kassner (2003, p. 37): “A raiva da dislexia é uma reação esperada”.

A passividade, agressividade e imaturidade são algumas características que a criança com dislexia pode demonstrar, ao chegar à adolescência. “Em torno dos 12 anos, podem os disléxicos mostrar-se inertes, passivos ou agressivos, o que torna difícil dar-lhes alguma orientação vocacional. Muitos chegam à vida adulta bastante imaturos”. (SANTOS, 1987, p. 24).

Para evitar que a criança com dislexia sofra, é importante que a família informe-se sobre todos os problemas emocionais que ela pode desenvolver, devido à dislexia; preste atenção em seu comportamento; converse sempre com os professores; e procure a ajuda de um psicólogo, quando os primeiros sintomas relacionados a esses problemas começarem a se manifestar.

Nenhuma família está preparada para receber um diagnóstico constando que o filho possui algum distúrbio de aprendizagem. No primeiro momento, a família pode até abalar-se, no entanto, não deve deixar que a criança perceba. É importante a família demonstrar que acredita no potencial e na capacidade de aprender que essa criança possui.

Nesse sentido, Shaywitz (2006) afirma que a família não pode se assustar, diante do diagnóstico de dislexia, pois o filho vai perceber. A família deve mostrar para a criança com dislexia que acredita que ela pode realizar seus sonhos.

Uma das maneiras que os pais têm de ajudar o filho com dislexia é procurar meios de preservar e elevar sua autoestima, já que as dificuldades relacionadas a esse distúrbio podem fazer com que ele sinta-se cada vez mais desanimado e com sentimento de inferioridade.

Segundo Shaywitz (2006):

Além de oferecer o amor e o calor inerentes ao fato de ser pai, os pais [...] cujos os filhos tenham problemas de leitura devem ter como objetivo principal a preservação da auto-estima (sic) da criança. Esse é o setor de maior vulnerabilidade para as crianças disléxicas. (SHAYWITZ, 2006, p. 230).

Frank, Livingston e Kassener (2003) salientam que, além de preservar a autoestima da criança com dislexia, os pais devem incentivá-la a ser mais dedicada e tranquilizá-la, à medida que as dificuldades aumentarem. Essa criança deve aprender, desde cedo, a não comparar-se com outras crianças e que possui reais chances de ser bem sucedida, mas que, para obter um bom desempenho, é necessário dedicação.

Nesse sentido, Frank, Livingston e Kassener (2003) alertam os pais no sentido de ajudarem os filhos a se aceitarem, dando o melhor de si na realização das tarefas escolares.

No entanto, os autores continuam afirmando que essa não é uma tarefa fácil para os pais, que devem usar muito diálogo com o filho com dislexia, mesmo que, de início, ele mostre resistência em aceitar o fato de possuir tal distúrbio e se recuse a seguir seus conselhos.

Em relação às dificuldades que os pais podem vir a enfrentar, Frank, Livingston e Kassener (2003) afirmam que é difícil para eles explicarem a uma criança que ela possui um distúrbio de aprendizagem, mas que isso pode ser feito por meio de muito diálogo, os quais devem enfatizar à criança com dislexia que ela não deve comparar-se às outras.

Os pais também devem esclarecer para o filho o que é a dislexia, pontuar as consequências desse distúrbio em sua vida, mas, acima de tudo, devem afirmar e reafirmar que ele consegue aprender, como qualquer um de seus colegas.

De acordo Shaywitz (2006), os pais devem explicar à criança que:

[...] a rota direta para a leitura está bloqueada para quem tem dislexia e que essa pessoa tem de buscar um caminho alternativo, secundário e mais lento. Como resultado, vai chegar a seu destino, mas será necessário um pouco mais de tempo. (SHAYWITZ, 2006, p. 232).

De acordo com Frank, Livingston e Kassener (2003), quando a criança já estiver ciente do que se trata a dislexia, é necessário fazer com que ela não sinta vergonha de admitir para outras pessoas que possui esse distúrbio. A sinceridade da criança em admitir que tem um distúrbio de aprendizagem deixa-a mais segura. Para

a criança superar seus medos e ter mais confiança em admitir que possui dislexia, é importante que ela saiba que pessoas famosas e bem sucedidas também possuem dislexia. Para isso, os pais devem realizar uma pesquisa e, depois, apresentar a lista de nomes para o filho.

Shaywitz (2006) destaca algumas dessas pessoas, tais como:

[...] o ganhador do prêmio Nobel Niels Bohr; a cantora Jewel; o cartunista Scott Adams, criador de Dilbert; o ator Tom Cruise; a dramaturga Wendy Wasserstein, o empreendedor e fundador da Virgin Airlines, Sir Richard Branson [...]. (SHAYWITZ, 2006, p. 232).

Ainda sobre como a família pode ajudar a criança com dislexia a sentir-se e a conviver bem com a dislexia, Shaywitz (2006) afirma que essa criança deve aprender a expor seus pensamentos sobre diversos assuntos. Portanto, os pais devem sempre ouvir o filho com dislexia e incentivá-lo a falar dos mais diferentes assuntos. Isso faz com que a criança aprenda a formar opiniões e a defender suas ideias. Assim, quando ela precisar falar em público, vai estar preparada e ter argumentos para defender seu ponto de vista.

Nessa perspectiva, Shaywitz (2006) direciona:

Incentive seu filho a se vê como uma pessoa que tem algo a dizer e a quem as pessoas respeitem. Discuta as decisões importantes com ele. Tais discussões podem afetar a família inteira, tais como o local para onde se vai nas férias ou questões que são mais pessoais. Você pode falar sobre um assunto corrente, tal como uma eleição nacional, local ou escolar, ou sobre um filme ou um programa de televisão. Leve seus comentários a sério. (SHAYWITZ, 2006, p. 233).

A criança com dislexia precisa sentir que tem a confiança dos pais. Uma boa maneira dos pais demonstrarem confiança é atribuir a ela responsabilidades. É importante que escolham as tarefas que a criança com dislexia dê conta de realizar, para que ela não se sinta frustrada, para que comprove que, realmente, é capaz. No entanto, Frank, Livingston e Kassener (2003) afirmam que não se deve esperar que essa criança seja organizada ou acompanhe o calendário familiar

A realização da atividade, de forma eficaz, faz com que a criança adquira mais autoconfiança e sinta-se motivada a outros desafios.

Os pais precisam considerar as dificuldades que o filho com dislexia enfrenta, portanto, quando ele não se sair bem em alguma atividade, é importante que se

coloquem no lugar dele e pensem no que ele está sentindo. “Encorajamento, ajuda e compreensão são necessários”, relatam Ianhez e Nico (2002, p. 104).

Outro aspecto que se deve levar em consideração é que a criança com dislexia precisa ter um momento para extravasar sua raiva ou, simplesmente, para gastar suas energias em algo que goste de fazer – e faça bem. Os pais devem incentivá-la a encontrar um hobby, oferecendo diferentes opções, até que a criança identifique uma atividade que goste e queira praticar.

Nesse viés, Shaywitz (2006) afirma que os pais devem ajudar a criança com dislexia a encontrar:

[...] uma área na qual possa ter uma experiência positiva, seja ela apenas por puro prazer ou pela possibilidade de se destacar e ter um excelente resultado – um interesse por peixes ou pedras, um talento para brincar com bastões e malabares, saber patinar ou nadar, saber representar ou desenhar, ter aptidão para entender de ciência ou de computadores, ou gostar de poesia ou música. Não importa qual ele vai escolher. (SHAYWITZ, 2006, p. 233).

Reforçando essa ideia, Frank, Livingston e Kassener (2003) consideram que:

A criança com dislexia precisa encontrar um lugar onde possa se sobressair. Isso vai lhe dar a certeza de que, embora não consiga ler ou escrever com a mesma facilidade dos outros, tem seus talentos específicos, o que é essencial. Ser capaz de dizer a si mesma “Bem, estou tendo dificuldade em entender o trecho que estão discutindo agora, mas existem coisas que também consigo fazer bem” vai ajudá-la a aumentar sua força interior. (FRANK; LIVINGSTON; KASSNER, 2003, p. 68).

Os autores vão além, afirmando que, quando a criança com dislexia sentir-se nervosa e não tiver como os pais evitarem que esse sentimento venha à tona, por mais que busquem fortalecer o psicológico dessa criança, eles devem: “lembrar seu filho das coisas boas que ele faz bem. [...] Quanto mais você puder enfatizar os atributos e talentos de seu filho, mais ele vai se concentrar em seus pontos fortes ao invés dos fracos”. (FRANK; LIVINGSTON; KASSENER, 2003, p. 67).

Já que parte dos problemas emocionais que a criança com dislexia pode vir a desenvolver tem origem nas dificuldades que essa criança tem para aprender a ler e a escrever, os pais devem tomar alguns cuidados, dentre esses, atentar-se ao escolher a escola onde essa criança vai estudar. Eles devem “Ir em busca de uma instituição educacional que atenda da melhor maneira às necessidades da criança. Por exemplo, estudar o currículo e seu método de ensino”. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 104).

As autoras ainda afirmam que os pais de crianças com dislexia devem manter uma boa relação com o professor, o que também é importante. Essa relação deve ser “de troca, fazendo um intercâmbio entre os acontecimentos em casa, na escola e com o (a) profissional indicado (a)”. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 104). O professor pode auxiliar a família, no sentido de dar dicas de como ajudar essa criança nos deveres de casa ou, ainda, indicar livros para leitura. Dessa forma, “Os pais podem facilmente seguir as indicações do professor”, completa Shaywitz (2006, p. 180).

De fato, os pais podem tomar várias medidas para ajudar o filho com dislexia a lidar com todos os sentimentos negativos que ele possa vir a desenvolver, no entanto, eles devem estar cientes de que, em algumas vezes, não vai adiantar conversar sobre esses sentimentos, explicá-los ou tentar distrair a criança.

Nesse caso, Frank, Livingston e Kassener (2003) advertem:

A melhor maneira de dar apoio ao [...] filho com dislexia é estar presente e ser paciente com seus sentimentos. Negar que ele vai vivenciar essas emoções de vez em quando ou dizer a ele para não se sentir assim é inútil. Deixe que ele saiba que não é errado se sentir assim, mas sempre garanta que você vai ajudá-lo a encontrar formas de lidar com a dislexia. (FRANK; LIVINGSTON; KASSENER, 2003, p. 40).

Enfim, a criança com dislexia pode desenvolver vários problemas emocionais, que poderão afetá-la, negativamente, por toda a vida. No entanto, se ela conhecer e entender o distúrbio que possui e contar com o apoio da família, conseguirá passar por todas as dificuldades que esse distúrbio provoca, sabendo lidar – de forma mais serena – com a dificuldade, sem desenvolver nenhum sentimento que a prejudique na infância, adolescência ou na vida adulta.

4 ADEQUABILIDADE DE METODOLOGIAS PARA O TRATAMENTO DA DISLEXIA

Depois de conhecer os efeitos negativos que podem afetar o psicológico da criança com dislexia e como a família pode ajudá-la a superá-los, faz-se necessário esclarecer que existem metodologias mais indicadas para trabalhar com essas crianças, facilitando o aprendizado e o desenvolvimento.

Pelo que já foi exposto nos capítulos anteriores, percebe-se que a aprendizagem da leitura, escrita, soletração e ortografia não é uma tarefa fácil para quem tem dislexia. É necessário paciência e treinamento, pois, sendo a dislexia um distúrbio específico da linguagem, torna essas atividades mais árduas e complicadas para a criança, embora possíveis de serem realizadas.

Sendo assim, mesmo tendo o apoio pedagógico necessário, o aluno com dislexia necessita de mais tempo para alfabetizar-se. Diante disso, quais seriam as práticas pedagógicas mais adequadas a uma criança com dislexia?

Inicialmente, é importante pensar no ambiente e no espaço físico onde essa criança vai estudar. As autoras Ianhez e Nico (2002, p. 87) abordam o tema, ressaltando que: “O melhor ensino possível para uma criança com dislexia é na sala de aula normal, juntamente com outras crianças [...]”.

Dessa forma, a criança com dislexia deve ser integrada a uma sala de aula regular, pois a dislexia, por ser apenas um distúrbio de aprendizagem, não dá a essa criança o direito de ser incluída na educação especial, uma vez que essa modalidade de educação, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996), configura como aluno especial somente aquele que apresenta deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. O que não é o caso do aluno com dislexia.

Além disso, a alfabetização desse aluno deve ser voltada para atividades que prendam a atenção, como jogos e brincadeiras, e o faça sentir prazer em aprender.

Nesse sentido, Muszkate e Rizzutti (2012) afirmam:

Todas as atividades de estimulação da linguagem escrita devem ser realizadas de forma lúdica, principalmente por meio de jogos e brincadeiras, para que a criança sinta prazer em ler e escrever. Nesse sentido é útil orientar os pais sobre o papel importante da leitura de histórias infantis, leitura de rótulos e jogos de rimas, estimulando a motivação e não a obrigatoriedade da leitura. (MUSZKAT; RIZZUTTI, 2012, p. 73).

Santos (1987) segue a mesma linha de pensamento, em se tratando da alfabetização de criança com dislexia:

É necessário eximir-se a criança disléxica do suplício da alfabetização por meio de belas estórias (sic), quadrinhas ou poemas ilustrados com profusão de imagens e cores; que seja poupada ao inútil esforço que lhe custam certas séries de exercícios apresentados a testes “gestálticos”. Ao contrário, é preciso oferecer-lhe condições especiais de ensino que lhe assegurem, de maneira simples e prática, um domínio firme dos mecanismos da leitura, das estruturas da língua, sempre com vistas à compreensão da coisa lida e a correta expressão escrita. (SANTOS, 1987, p. 91).

Nesse sentido, esses autores possuem pensamentos semelhantes quanto à melhor forma de alfabetizar uma criança com dislexia e ambos defendem que esta necessita de condições especiais para que se alfabetize.

Levando-se em conta o tipo de ensino que essa criança precisa receber, deve-se pensar, também, no perfil do professor que irá trabalhar com ela durante o ano letivo.

Para que se realize um trabalho adequado junto à criança com dislexia, não pode ser qualquer professor. Esse profissional precisa apresentar algumas características de personalidade que são fundamentais para um trabalho eficiente.

Santos (1987) elenca algumas características que o professor deve possuir para trabalhar com uma criança com dislexia:

[...] capacidade de fácil relacionamento; dedicação e persistência ante o progresso lento e difícil de certos alunos, ansiedade da família e descrença de alguns diretores e professores de escolas quanto a eficácia da reeducação; criatividade para suprir a falta de material pedagógico que possa existir no local de trabalho ou para atender a interesses de determinado aluno. (SANTOS, 1987, p. 94).

O professor que não apresentar essas características não terá um perfil adequado e nem condições para auxiliar o aluno com dislexia em seu desenvolvimento, portanto, jamais poderá ser indicado para trabalhar na turma. A gestão da escola precisa estar atenta a esse detalhe, sempre que for realizar a distribuição das turmas. Além de apresentar as características citadas, devido ao longo período em que professor e aluno conviverão, é importante que o professor atente-se para as necessidades que esse aluno apresenta, para que seu trabalho tenha resultados positivos.

Nesse sentido, Ianhez e Nico (2002) afirmam:

Não é necessário que os professores sejam especialistas em problemas de aprendizagem, mas é indispensável que todos os professores entendam as necessidades dos alunos disléxicos dentro e fora da sala de aula. É vital que os professores leiam as pastas desses alunos de tal maneira que eles não sejam superestimados nem subestimados. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 75).

Outra característica indispensável ao professor que trabalha com criança que possui dislexia é a criatividade, pois, por meio do uso desta, é que o professor oferece aulas diferenciadas e estímulos necessários para que o aluno supere suas dificuldades.

Em relação à criatividade do professor, Santos (1987, p. 94) afirma: “A criatividade do reeducador é muito importante. [...] está relacionada estreitamente com a manutenção, para o disléxico, da motivação necessária para que se esforce continuamente no seu aprendizado”.

A autora ainda afirma que a relação professor/aluno deve ser de confiança. O professor deve ter consciência de que assume um papel de reeducador, ao trabalhar junto à criança com dislexia, e, portanto, primeiramente, deve preocupar-se em conquistar a confiança do aluno. Este, por sua vez, deve sentir que o professor é alguém interessado em ajudá-lo e a compreendê-lo.

Santos (1987) assim esclarece:

O aluno deve sentir que o reeducador é alguém que quer e pode ajudá-lo em suas dificuldades; o reeducador, por sua vez, deveter sempre presente que todos os seus dotes de inteligência, de conhecimento e de personalidade devem ser postos a serviço de alguém que dele depende para recontrar-se e poder-se comunicar efetivamente com o mundo dos homens e das coisas que o rodeiam, dentro dos padrões da civilização. (SANTOS, 1987, p. 118).

Ensinar uma criança com dislexia é uma tarefa que exige muito de um professor, pois é necessário que haja dedicação diária para fazer com que essa criança se concentre e participe das aulas.

Shaywitz (2006) confirma o quanto é difícil essa tarefa:

Ensinar uma criança disléxica a ler é muito difícil. É um processo altamente interativo cujo efeito repercute rapidamente entre o professor e a criança. Aumentar a atenção da criança requer um esforço constante por parte do professor, que deve trabalhar ativamente para envolver a criança, fazendo perguntas a ela ou pedindo para que justifique uma resposta. (SHAYWITZ, 2006, p. 194).

Ser observador também é uma característica essencial que o professor deve apresentar. É importante que ele observe e aprecie cada acerto da criança com dislexia, por menor que seja.

Sobre esse aspecto, Ianhez e Nico (2002) se posicionam, afirmando que:

O estudante dislético enfrenta muitos fracassos e também, não raro, tarefas impossíveis na sala de aula. O progresso, embora pequeno, precisa ser observado para ser apreciado. É essencial, para o moral tanto do professor como do aluno dislético, que haja algum sucesso desde a primeira aula. Para o dislético, ter um pequeno sucesso no primeiro contato restabelece uma certa autoconfiança. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 90).

Depois de analisadas quais práticas pedagógicas são mais adequadas para alfabetizar uma criança com dislexia e o perfil do professor indicado para trabalhar com ela, faz-se necessário analisar quais são os métodos de alfabetização que o professor pode optar, ao trabalhar com esses alunos.

De acordo com Muszkate e Rizzutti (2012), dois métodos de alfabetização são os mais indicados para ensinar crianças com dislexia: o método multissensorial e o método fônico.

Sobre esses métodos, Muszkate e Rizzutti (2012) explicam:

Enquanto o método multissensorial é mais indicado para crianças mais velhas, que já possuem histórico de fracasso escolar, o método fônico é indicado para crianças mais jovens e deve ser introduzido logo no início da alfabetização. (MUSZKAT; RIZZUTTI, 2012, p. 69).

Maria Montessori foi uma das pioneiras do método multissensorial, que consiste em trabalhar usando todos os sentidos da criança, ou seja, olhos, ouvidos, órgãos da fala, dedos e músculos, defendendo, ainda, a autonomia delas ao aprender.

O uso do método multissensorial auxilia a criança na aprendizagem da leitura e escrita, pois proporciona que ela estabeleça ligação entre esses dois eixos.

Nesse contexto, Muszkat e Rizzutti (2012) afirmam:

A principal técnica do método multissensorial é o soletrar oral simultâneo, em que a criança inicialmente vê a palavra escrita, repete a pronúncia da palavra fornecida pelo adulto e a escreve dizendo o nome de cada letra. Aofinal, a criança lê novamente a palavra que escreveu. A vantagem desta técnica é fortalecer a conexão entre a leitura e escrita. (MUSZKAT; RIZZUTTI, 2012, p. 70).

O benefício de trabalhar o método multissensorial com criança que possui dislexia está em usar áreas que a criança possui maior habilidade e desenvolver as áreas cujas habilidades são menores.

Quanto a isso, Ianhez e Nico (2002) se posicionam:

A vantagem desse método é que a criança disléxica é capaz de usar áreas de força, ao mesmo tempo que exercita e fortalece áreas mais fracas. O objetivo é a criança aprender respostas automáticas duradouras (os nomes, os sons e formas de todos os fonemas) e desenvolver a habilidade de seqüenciá-las (sic) corretamente nas palavras. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 88-89).

Já o método fônico, como citado anteriormente, é mais indicado para trabalhar com crianças mais novas. Segundo Muszkat e Rizzutti (2012, p. 70), tal método possui dois objetivos principais: “[...] desenvolver as habilidades metafonológicas e ensinar as correspondências grafofonêmicas”. Os autores ainda afirmam que, ao optar pelo método fônico, a alfabetização acontece de forma espontânea e natural, já que “O método fônico evoca a fala, a mesma fala com a qual a criança pensa e se comunica”. (MUSZKAT; RIZZUTTI, 2012, p. 70-71).

A dificuldade que a criança com dislexia apresenta na consciência fonológica e na associação grafema-fonema pode ser contornada por meio da estimulação correta e do interesse da criança.

De acordo com Muszkat e Rizzutti (2012), essa estimulação pode acontecer da seguinte forma:

A estimulação por meio de canto, conversa, brincadeiras e leitura propicia aquisição de habilidades que favoreçam o desenvolvimento da motivação para tais atividades, o que se chama de intenção comunicativa (pela fala serão conseguidos objetos de interesse da criança). (MUSZKAT; RIZZUTTI, 2012, p. 76).

Outro ponto de dificuldade associado à dislexia é a aprendizagem da ortografia. Para que o aluno com dislexia apresente um adequado desempenho nessa área, o professor deve trabalhar as habilidades metacognitivas.

Snowling et al. (2004) fazem a seguinte explanação sobre esse tema:

Para permitir que as crianças dominem os caprichos da ortografia [...] o professor precisa trabalhar outras habilidades metacognitivas: uma consciência dos padrões ortográficos regulares e um conhecimento da estrutura das palavras e sua morfologia. (SNOWLING et al., 2004, p. 202).

Além de trabalhar habilidades metacognitivas, o professor deve dar muita atenção à verbalização. Deve fazer com que a criança verbalize o que está fazendo, pois, quando uma criança verbaliza os movimentos necessários para escrever determinada letra, as chances de obter sucesso são maiores e, ao pronunciar o passo a passo de como está escrevendo, reforça a memorização.

Snowling et al. (2004) assim afirmam:

O uso da verbalização é particularmente útil para as crianças com problemas de percepção motora e/ou coordenação que podem ser capazes de compor em uma extensão maior do que conseguem escrever por si mesmas. (SNOWLING et al., 2004, p. 212).

A prática da ortografia torna-se mais interessante para o aluno, quando o professor propõe atividades que fujam daquelas convencionais, que utilizam lápis e cadernos. Até que o aluno sinta-se seguro para escrever em cadernos, manusear lápis e canetas, sem cometer tantos erros e sem desanimar, o professor pode trabalhar com a criança oferecendo material para colagem e letras de plástico.

Snowling et al. (2004) propõem o uso de uma bandeja de areia:

Para reforçar os padrões associados às letras bem formadas, as crianças podem usar seus dedos indicadores para escrever as letras em uma bandeja de areia, antes de trabalhar no papel. Quando as crianças conseguirem produzir cada letra com segurança, podem praticar em uma folha de papel em branco. (SNOWLING et al., 2004, p. 211).

Ainda com o objetivo de facilitar o trabalho com a ortografia de palavras e fazer com que a criança memorize a forma correta de escrevê-las, é interessante confeccionar uma caixa de palavras, contendo figuras ou objetos que as representem ortograficamente. Visualizar a grafia da palavra, juntamente com o objeto ou gravura, ajuda na memorização.

Sobre o objetivo da caixa de palavras, Frank, Livingston e Kassner (2003) destacam:

O objetivo de uma caixa de palavras é dar dicas de memória para que [...] tenha menos dificuldade em lembrar a ortografia das palavras. Se, por exemplo, ele deve aprender a escrever “bola”, segure uma bola com a palavra “bola” colada nela para ajudá-lo. Quando ele encontrar essa palavra em uma prova, será mais fácil para ele visualizar a bola e escrevê-la corretamente. Aprender como se escreve a palavra pode ser mais fácil se ele tiver uma dica visual e sensorial. (FRANK; LIVINGSTON; KASSNER, 2003, p. 144)

Outra dica importante: sempre que possível, é aconselhável incentivar a criança a usar cores para organizar as tarefas. Ela poderá iniciar uma atividade marcando com a cor verde e, ao terminá-la, sinalizar com azul. Agregando cores às atividades, a criança se organiza melhor. Ao trabalhar a visão, estimula-se, também, a memória.

Em relação ao uso das cores, Frank, Livingston e Kassner (2003) esclarecem:

Geralmente recomendo o uso de codificação com cores como auxílio à aprendizagem de crianças com dislexia. Por que isso parece funcionar tão bem? Muitas pessoas com transtorno de aprendizagem aprendem melhor pela visão. Utilizar cores ajuda as crianças a fazerem associações visuais que motivam a aprendizagem e a memória. (FRANK; LIVINGSTON; KASSNER, 2003, p. 151).

A criança com dislexia não deve usar as cores somente para organizar as tarefas. O ato de colorir também é outra atividade importante e que pode apresentar resultados positivos junto ao aluno com dislexia, pois trabalha a coordenação motora fina, que, quando bem exercitada, permite, mais facilmente, que a criança desenvolva melhor a ortografia. “Colorir é uma atividade valiosa, pois requer precisão dos movimentos motores finos, tanto dos dedos quanto do pulso.” (SNOWLING et al., 2004, p. 208).

O professor deve trabalhar a coordenação motora fina para melhorar a ortografia, ao mesmo tempo em que trabalha também a memória muscular ou a memória cinestésica para exercitar o padrão neurológico, facilitando que a criança com dislexia lembre-se da grafia de letras e palavras. Esses exercícios podem ser realizados por meio de atividades como “escrevendo no céu” ou “escrevendo no ar”.

Ianhez e Nico (2002) explicam como as atividades cinestésicas podem ajudar a criança com dislexia:

Formas aprendidas numa escala grande com todo o braço são muito mais fáceis de recordar, e o exercício reforça o padrão neurológico. Todo aprendizado que envolva os vários sentidos funciona de maneira positiva para os disléxicos [...]. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 78).

Outro ponto de dificuldade que a criança com dislexia possui é em relação à memória imediata. Diante dessa dificuldade, o jogo da memória pode ser uma maneira divertida de exercitar a observação e de treiná-la a lembrar-se com exatidão.

De acordo com Ianhez e Nico (2002):

Esse jogo não vai melhorar a leitura e as habilidades de soletração, todavia vai melhorar a concentração, observação e memória. De certa forma vai ajudar a gravar as formas de alguns objetos, letras ou números (dependendo do tipo das cartas ou peças). (IANHEZ; NICO, 2002, p. 78).

O professor pode continuar usando jogos, acrescentando músicas ou proporcionar uma aula divertida para ensinar rimas ao aluno com dislexia, chamando a atenção dele para um determinado som.

Sobre o trabalho com rimas, Shaywitz (2006) destaca:

Crie seus próprios jingles, rimas ou historinhas para destacar um determinado som, ou cantem uma canção juntos. Rimas engraçadas e absurdas, bem como aliterações em geral funcionam melhor para criar um som mais saliente para a criança. (SHAYWITZ, 2006, p. 147).

A criança com dislexia não costuma apresentar dificuldades em matemática, porém, essas dificuldades podem surgir, por razão dessa criança não conseguir compreender o enunciado da questão. Frank, Livingston e Kassner (2003, p. 146) explicam que uma boa alternativa é: “[...] dividir a tarefa em partes menores. Comece com problemas simples e progrida aos poucos”.

Por possuir dificuldade com símbolos, o aluno com dislexia pode trocar os sinais de adição, subtração, multiplicação e divisão. Para garantir que essa dificuldade seja contornada, sem causar grande nervosismo à criança, o professor pode permitir o uso da calculadora, porém, deve certificar-se de que ela esteja apenas conferindo os resultados, e não chegando a eles de maneira mais fácil, evitando raciocinar. Frank, Livingston e Kassner (2003, p. 145) recomendam que o aluno use “a calculadora para verificar os problemas depois de resolvê-los. Uma calculadora que imprima é ainda melhor, porque fornece duas modalidades: visão e tato”.

Todas as estratégias que o professor propõe podem se tornar mais fáceis de serem realizadas, se os pais se preocuparem em investir em materiais apropriados. Esses materiais, além de facilitarem a realização das atividades, podem tornar a vida escolar da criança com dislexia mais prazerosa.

Frank, Livingston e Kassner (2003) propõem alguns materiais que podem ser adquiridos para esse fim:

[...] canetas cujas tintas possam ser apagadas e lápis com suporte anatômico. Esse tipo de caneta permite que seu filho corrija seus erros com mais ordem, evitando as questões que possam mexer com sua alta estima quando as folhas ficam ilegíveis. Os lápis com suporte anatômico são úteis para as crianças com dificuldade em coordenação motora fina; Considere a utilização de folhas com linhas bem largas; elas podem facilitar a escrita e a leitura posteriormente; Utilize um fichário com bloco de folhas em vez de um caderno espiral. As folhas podem ser colocadas depois, se anotações adicionais precisarem ser incluídas. (FRANK; LIVINGSTON; KASSNER, 2003, p. 149).

Outra ferramenta que pode ser muito utilizada nas aulas com criança que possui dislexia é o computador. Essa ferramenta ajuda no ensino desse tipo de criança, pois permite que o aluno cometa erros e os corrija, instantaneamente. Porém, deve ser uma prática sempre orientada por um professor e com objetivos bem definidos. Nada de utilizá-la como passatempo ou sem um fim em si.

Sobre essa ferramenta, Ianhez e Nico (2002) afirmam:

O computador, entretanto, promove um caminho alternativo para reforço do material de ensino. Uma vez que ele não manifesta emoções, permite à criança cometer erros sem receber críticas e pode frequentemente (sic) reduzir a tensão da escrita. Os erros são prontamente corrigidos e, com a ajuda da impressão, o trabalho da criança será lido com mais facilidade do que se tivesse sido escrito à mão. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 82).

O gravador também é outra opção eficaz para ajudar o estudante com dislexia, que se cansa com mais facilidade, devido à lentidão com que lê e à falta de concentração. Segundo Ianhez e Nico (2002, p. 84) os gravadores “[...] podem ser usados para gravar as aulas, já que esses alunos têm dificuldade de tomar notas e/ou copiar textos da lousa”.

O professor deve ter o cuidado não só de procurar trabalhar junto à criança com dislexia de várias formas, como as citadas anteriormente, mas também deve observar toda a realização do trabalho proposto.

Santos (1987, p. 116) esclarece que, durante a realização das atividades: “[...] o reeducador deve colocar-se em frente à criança, para melhor controle do que ela escreve, lê ou compõe com cartões, letras, etc.”.

Engana-se quem pensa que exercícios extras de leitura e escrita podem beneficiar a criança com dislexia, fazendo-a desenvolver-se melhor nessas áreas.

Devido às dificuldades que essa criança enfrenta diariamente, se cansa com mais facilidade que as outras. Sendo assim, é mais eficaz que ela realize uma leitura acompanhada de um dos pais ou do professor.

Nessa perspectiva, Ianhez e Nico (2002) esclarecem:

Para a criança disléxica esses exercícios extras são muito cansativos, e na maioria das vezes não ajudam. Certamente uma leitura num período calmo do dia, com o professor, ou com um dos pais será benéfica. Muitos exercícios de escrita exigem que as crianças copiem palavras as quais elas não conseguem ler. Tais exercícios são muitas vezes perda de tempo; o material apropriado de escrita deve ser fornecido para o uso na escola. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 81).

No entanto, Shaywitz (2006) afirma que, no período das férias escolares, é importante que a criança com dislexia tenha acompanhamento de um professor particular ou, se a família não possuir condições de arcar com as despesas desse profissional, pode – ela mesma – programar momentos regulares de leitura junto ao filho. Mas a família também não deve esquecer que a criança precisa de brincar, passear e divertir-se, afinal, o período de férias existe para a criança descansar.

Quanto à necessidade de continuidade dos estudos durante as férias, Shaywitz (2006) se posiciona:

As crianças disléxicas estão em situação de alto risco de perda de suas habilidades de leitura quando não são praticadas continuamente. Elas ainda não estabeleceram modelos neurais permanentes de palavras, e assim, tais modelos são frágeis e instáveis, podendo dissipar-se durante as férias. (SHAYWITZ, 2006, p. 212).

Toda criança adora o período de férias, porém, em contrapartida, teme o período de avaliações, que é um momento mais conturbado ainda na vida da criança com dislexia, pois, mesmo se dedicando aos estudos, esse aluno necessita de mais tempo que os colegas de classe para finalizar as provas. É importante que o aluno não veja a prova como um castigo. “As provas devem ser vistas como oportunidades para a aprendizagem, não como recompensa ou punição”. (FRANK; LIVINGSTON; KASSNER, 2003, p. 148).

Não é apenas o fator tempo que influencia na realização da prova. O aluno com dislexia pode precisar de mais suporte para que consiga obter um resultado significativo, sem sofrer grande desgaste físico ou psicológico: “Uma criança com dislexia pode precisar que a prova seja lida em voz alta, [...] uma calculadora ou

dicionário ou ainda necessitar de ajuda para completar as respostas”. (FRANK, LIVINGSTON; KASSNER, 2003, p. 147).

Para amenizar a relação entre o aluno com dislexia e a avaliação, sempre que possível, o professor pode usar diferentes métodos para avaliá-lo. Ao utilizar meios de avaliação diferenciados, o professor consegue verificar o que é assimilado pelo aluno, sem causar desconforto a ele. No entanto, esses meios alternativos de avaliação devem ser comunicados e aceitos tanto pela direção da escola quanto pelos pais.

Diante das diferentes formas de avaliar uma criança com dislexia, Ianhez e Nico (2002) sugerem que:

Quando necessário, avalie o conhecimento dos estudantes com deficiência de aprendizagem usando métodos alternativos, inclusive avaliações orais, provas gravadas, trabalhos feitos em casa e apresentações individuais. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 74).

Ainda sobre os resultados que uma criança com dislexia consegue obter em uma avaliação, as autoras afirmam que: “A nota da criança disléxica deveria ser dada de acordo com o seu conhecimento, e não de acordo com suas dificuldades e seus erros de ortografia”. (IANHEZ; NICO, 2003, p. 75).

Embora a criança com dislexia apresente dificuldade para ler, escrever e soletrar, se lhe forem dadas condições especiais de ensino e um professor/reeducador com as características necessárias para realizar um bom trabalho, ela vai aprender como qualquer outra. Sendo assim, é importante que o professor/reeducador que for trabalhar com uma criança com dislexia prepare-se para oferecer as condições necessárias para que ela aprenda e busque metodologias que facilitem sua compreensão, fazendo com que esse distúrbio não seja um empecilho contra a aprendizagem desse aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dislexia apresenta-se como um distúrbio específico de aprendizagem que atinge certo contingente de estudantes e traduz-se na dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita, porém, não impede o desenvolvimento da criança em outras áreas.

Constitui-se como um dos fatores responsáveis pelo fracasso desses estudantes, bem como pela desistência dos estudos. O problema agrava-se, devido ao fato de muitos professores não estarem preparados para alfabetizar uma criança com dislexia, tornando-se, assim, um dos grandes desafios que permeiam o meio educacional, atingindo tanto as escolas públicas quanto as privadas e envolvendo alunos de todas as classes sociais.

Embora sejam necessários mais estudos para corroborar a ideia, o trabalho demonstrou que o mais indicado para o desenvolvimento da criança com dislexia é que esta frequente uma escola regular.

De acordo com o estudo realizado, não há uma causa comprovada acerca do termo “dislexia”, há apenas hipóteses, sendo uma patologia de ordem congênita que apresenta uma discrepância entre a aprendizagem real e a esperada. Contudo, os autores consultados concordam que o grau de inteligência de uma criança com dislexia é considerado normal ou acima da média.

Neste estudo, constatou-se que o diagnóstico tardio de dislexia contribui para o desinteresse do aluno pelos estudos, por isso, é necessário que o professor atente-se à sua classe. Dessa forma, alfabetizar uma criança com dislexia não é uma tarefa fácil, exige mais dedicação e esforço por parte do docente, que deve buscar subsídios em metodologias específicas para alfabetizá-la. Essas metodologias devem girar em torno das áreas que essa criança possui mais facilidade e desenvoltura.

A relação professor/aluno também é muito importante para que o processo de ensino-aprendizagem torne-se bem sucedido. Por meio de uma relação de compreensão, respeito e confiança, é que o professor vai conseguir mediar os conhecimentos e, o aluno, internalizá-los.

O estudo mostra que a criança com dislexia pode vir a desenvolver vários problemas emocionais, como insegurança, vergonha e sentimento de inadequação, por isso, necessita, ainda mais, do apoio da família. Diante desse fato, faz-se necessário que os pais sejam presentes na vida escolar do filho e mantenham uma

relação de troca de informações com o professor, a fim de procurar amenizar os efeitos desses sentimentos na vida da criança.

Diante do exposto, conclui-se que a dislexia é um distúrbio de aprendizagem que faz parte do processo de alfabetização de muitas crianças e que, por isso, é um assunto que deve estar sempre em discussão no cenário educativo, pois somente a análise teórico-reflexiva possibilitará aos educadores compreenderem e lidarem com esse distúrbio.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Congresso Nacional, 1990.

FERREIRA, A. B. de H.; **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Nova fronteira, 1988.

FILHO, A. da M. M.; FILHO, E. M, B.; FILHO, S. E. **Dicionário ilustrado urupês**. São Paulo: Age, 1972.

FRANK, R.; LIVINGSTON, K. E.; KASSNER, T. **A vida secreta da criança com dislexia**. São Paulo: M. Books, 2003.

INHAEZ, M. E.; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 3. ed. São Paulo: Alegro, 2002.

MUSZKAT, M.; RIZZUTTI, S. **O professor e a dislexia**. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, C. C dos. **Dislexia específica de evolução**. 2. ed. São Paulo: Sarvier, 1987.

SHAYWITZ, S. **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SNOWLING, M. et al. **Dislexia, fala e linguagem: um manual do profissional**. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2004.